

CADERNO TEOLÓGICO


Religião, democracia e direitos humanos

periodicos.pucpr.br/cadernoteologico




O benzedor de cobras: a intersecção entre fé, misticismo e medicina popular em Bariani Ortencio

The snake healer: the intersection between faith, mysticism and popular medicine in Bariani Ortêncio

Nome Completo do Autor ^[a] 

Cidade, UF, País

Universidade (Sigla), Faculdade, Departamento

Nome Completo do Autor ^[a] 

Cidade, UF, País

Universidade (Sigla), Faculdade, Departamento

Como citar: AZEVEDO, GX; ZANOTTO, SM. O benzedor de cobras: a intersecção entre fé, misticismo e medicina popular em Bariani Ortêncio. *Caderno Teológico, Religião Democracia e Direitos Humanos*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 9, n. 1, p.99-109, jan./jun, 2024. DOI: <https://doi.org/10.7213/2318-8065.09.01.p99-109>

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o conto “O Benzedor de Cobras”, de Bariani Ortencio, à luz das Ciências da Religião e da Literatura, explorando a figura do benzedor como representação de práticas de cura mística no interior do Brasil. O conto, ambientado no sertão goiano, retrata um personagem que combina elementos do catolicismo popular com saberes tradicionais, atuando como intermediário entre o mundo espiritual e o mundo físico na cura de doenças cotidianas e no ato de espantar pragas e animais peçonhentos, como cobras e escorpiões. A análise procura compreender como essa figura

^[a] Título do autor, e-mail: email@email.com

emerge como um símbolo de resistência cultural, ao mesmo tempo que exemplifica o sincretismo religioso característico da religiosidade popular brasileira. A justificativa para essa abordagem baseia-se na relevância das práticas não institucionais, que ocupam um papel fundamental na vida cotidiana de comunidades rurais, especialmente em contextos onde o acesso à medicina oficial é escasso. No Brasil, práticas como as do benzedor são comuns em regiões interioranas e dialogam com questões de identidade religiosa, saúde e bem-estar. Embora por vezes marginalizadas, essas práticas revelam uma profunda compreensão do ser humano em sua relação com o sagrado (Geertz; Bourdieu; Eliade), tornando-se relevantes para os estudos interdisciplinares de religião e cultura. O problema central da pesquisa é investigar como o benzedor, representado na obra de Bariani Ortencio, funciona como um agente de cura que transcende os limites da medicina convencional, incorporando elementos religiosos e culturais. Ao fazer isso, o conto levanta questões sobre a legitimidade das práticas de cura mística e sua aceitação tanto pela comunidade quanto pelas instituições formais de saúde (Azevedo; Lemos). A hipótese que orienta o estudo é que a figura do benzedor não é apenas um reflexo do sincretismo religioso brasileiro, mas também uma resposta simbólica e prática às necessidades de saúde em comunidades com acesso limitado a serviços médicos, mantendo-se viva por meio da oralidade e da fé. A metodologia adotada é a do estudo exploratório de caráter bibliográfico, com base na análise literária do conto em conjunto com teorias do campo das Ciências da Religião e da Antropologia. A pesquisa também se apoiará em fontes secundárias sobre o folclore goiano e o papel dos benzedores na cultura popular. Os resultados esperados incluem uma compreensão mais aprofundada do benzedor como uma figura-chave no campo da medicina popular e da religiosidade brasileira, bem como a contribuição para o debate sobre como práticas tradicionais e populares de cura podem ser legitimadas em diálogo com a ciência moderna. O estudo também pretende destacar a importância da preservação cultural dessas tradições, não apenas como elementos folclóricos, mas como práticas funcionais dentro do contexto rural brasileiro.

Palavras-chave: Religião. Literatura. Bariani Ortencio. Benzedor. Religiosidade popular.

Abstract

This research aims to analyze the short story "O Benzedor de Cobras" (The Snake Healer), by Bariani Ortencio, in light of the Sciences of Religion and Literature, exploring the figure of the healer as a representation of mystical healing practices in the interior of Brazil. The short story, set in the backlands of Goiás, portrays a character who combines elements of popular Catholicism with traditional knowledge, acting as an intermediary between the spiritual world and the physical world in the healing of everyday illnesses and in the act of scaring away animals, pests and venomous animals such as snakes and scorpions. The analysis seeks to understand how this figure emerges as a symbol of cultural resistance, while at the same time exemplifying the religious syncretism characteristic of Brazilian popular religiosity. The justification for the analysis is based on the relevance of the role of such non-institutional practices, which occupy an important place in the daily life of rural communities, especially in contexts where access to official medicine is scarce. In Brazil, practices such as those of the benzedor are common in rural regions and engage with issues of religious identity, health, and well-being. These practices, although sometimes marginalized, reveal a deep understanding of the human being in his or her relationship with the sacred (Geertz; Bourdieu; Eliade), making them relevant for interdisciplinary studies of religion and culture. The central problem of the research is to investigate how the benzedor, represented in the work of Bariani Ortencio, functions as a healing agent who transcends the limits of conventional medicine, incorporating religious and cultural elements. In doing so, the story raises questions about the legitimacy of mystical healing practices and their acceptance by both the community and formal health institutions (Azevedo; Lemos). The hypothesis that guides the study is whether the figure of the benzedor is not only a reflection of Brazilian religious syncretism, but also a symbolic and practical response to the health needs of communities with limited access to medical services, keeping itself alive through orality and faith. The methodology adopted is an exploratory study of a bibliographic nature, based on the literary analysis of the tale in conjunction with theories from the fields of Religious Sciences and Anthropology. The research will also rely on secondary sources on Goian folklore and the role of healers in popular culture. The expected results include a deeper understanding of the healer as a key figure in the field of popular medicine and Brazilian religiosity, as well as a contribution to the debate on how traditional and popular healing practices can be legitimized in dialogue with modern science. The study also hopes to highlight the importance of the cultural preservation of these traditions, not only as folkloric elements, but as functional practices within the Brazilian rural context.

Keywords: Religion. Literature. Bariani Ortencio. Healer. Popular religiosity.

Introdução

A figura do benzedor ocupa um lugar especial na memória e nas tradições do Brasil rural. Em comunidades onde a medicina oficial nem sempre chega, esses personagens assumem o papel de curadores, unindo saberes antigos e crenças religiosas. No conto *O Benzedor de Cobras*, Bariani Ortêncio dá vida a essa figura, mesclando o universo do catolicismo popular com práticas místicas de proteção e cura. A história, ambientada no sertão goiano, retrata um personagem que não apenas exorciza a presença de cobras e escorpiões, mas também se torna um símbolo de resistência cultural. Entendem-se por práticas místicas aquelas que recorrem ao sagrado como forma de ressignificar uma situação ou a visão que se tem dela, ou mesmo como uma interconexão com as diversas questões cotidianas.

Esse conto nos permite refletir sobre a riqueza do sincretismo religioso no Brasil, especialmente em áreas rurais, onde fé e sobrevivência andam de mãos dadas. Para além da narrativa, o texto provoca questões maiores: como práticas populares, muitas vezes marginalizadas, continuam a desempenhar papéis fundamentais no cuidado à saúde e na construção da identidade comunitária? Ao trazer essas reflexões, a pesquisa busca investigar o benzedor como um exemplo de resistência e adaptação cultural, dialogando tanto com a religião quanto com a literatura.

O presente estudo tem por objetivo geral analisar a figura do benzedor, tal como representada no conto, a partir de uma perspectiva cultural e religiosa nas Ciências da Religião. Busca-se, por objetivos específicos: compreender como o benzedor reflete questões de sincretismo religioso e identidade cultural em contextos rurais; valorizar as práticas populares, por vezes marginalizadas, mas que desempenham papéis importantíssimos na vida comunitária e na preservação de tradições ancestrais; e fazer uma interpretação literária do conto em questão.

O problema central da pesquisa consiste em investigar como a figura do benzedor transcende os limites da medicina convencional, questionando a legitimidade e a aceitação dessas práticas pela comunidade e pelas instituições formais de saúde. Parte-se da hipótese de que o benzedor não somente incorpora o sincretismo religioso brasileiro, mas também responde, de maneira simbólica e prática, às demandas de comunidades isoladas, perpetuando-se por meio da fé e da oralidade.

A metodologia proposta para este estudo é exploratória e de caráter bibliográfico, com análise hermenêutico-literária e do conteúdo religioso do conto, a partir de autores do campo da cultura popular e dos estudos teóricos em Ciências da Religião e Antropologia. Três eixos estruturam a pesquisa: a historiografia de Bariani Ortêncio, o papel da cultura popular no sertão goiano e a análise específica do conto enquanto representação de resistência cultural e espiritual. Essa abordagem busca situar o benzedor como uma figura-chave no estudo das relações entre fé, saúde, pajelança e identidade cultural.

Entende-se por pajelança um conjunto de práticas xamânicas e rituais realizadas por pajés, que compreendem cantos, rezas, danças e o uso de ervas medicinais, tornando visível a relação do homem com o mundo que o cerca (Munduruku, 2018).

O primeiro tópico abordará a historiografia do autor Bariani Ortêncio. O segundo tópico trará uma conceituação sobre a cultura popular e sua relação com a medicina popular e a pajelança. O terceiro tópico analisará o conto *O Benzedor de Cobras* a partir de uma abordagem qualitativa.

Espera-se, como resultado, que o estudo contribua para o entendimento da medicina popular como um elemento característico da religiosidade e cultura brasileiras, bem como ressalte a importância da preservação dessas práticas, não apenas como expressões folclóricas, mas como respostas legítimas e significativas às necessidades sociais de comunidades periféricas e rurais. Além disso, busca-se enriquecer o debate interdisciplinar sobre o diálogo entre tradição e ciência, ressaltando o valor da diversidade cultural em um mundo cada vez mais globalizado.

Historiografia do autor Bariani Ortêncio

Bariani Ortêncio foi um homem de múltiplos talentos, que engrandeceu a intelectualidade goiana ao exercer diversas profissões, estudar variadas áreas e escrever em diferentes gêneros. Natural de Igarapava, São Paulo, o literato mudou-se para Goiânia com a família em 1938, aos 15 anos. Concluiu o ensino médio, mas cursou apenas um ano de Odontologia. Ao longo de sua vida, atuou como alfaiate, comerciante, jogador de futebol pelo Atlético Goianiense, professor de matemática no Liceu de Goiânia, minerador de granito, ceramista, fazendeiro e compositor, entre outras atividades.

Apaixonado pela cultura goiana, mergulhou de corpo e alma no Cerrado para registrar seus costumes e tradições. Com a perspicácia de um cientista autodidata, tornou-se um mestre em retratar o homem simples do campo, revelando ao mundo a riqueza de seus saberes e a beleza de suas tradições. Ao romper com os estereótipos do sertanejo, apresentados de forma caricata por outros autores, Ortêncio valorizou o conhecimento popular, contribuindo para a construção de uma identidade cultural goiana mais justa e autêntica.

Nesse cenário de literatura ficcional, Ortêncio (1998) destacou a inteligência e a intuição do homem simples, que, mesmo sem estudos formais, possui um profundo conhecimento sobre os ciclos da natureza. O autor exemplificou essa afirmação ao descrever como o homem do campo relaciona as fases da lua com atividades como a extração de madeira, a produção de cerâmica e a pesca. Para ele, essa conexão entre o homem e os astros demonstra que o conhecimento popular é uma fonte valiosa de informações para a ciência, que pode encontrar nesses saberes tradicionais a base para novas pesquisas.

Em obras como *A Cozinha Goiana* (Ortêncio, 2005) e *Medicina Popular do Centro-Oeste* (Ortêncio, 1997), foi imortalizada a alma do Cerrado e de seu povo, explorando os mais diversos aspectos da cultura goiana, desde a culinária até a filologia, passando pela música e pelo folclore. Seu olhar atento e sensível captou a beleza da flora e da fauna dessa região, assim como a sabedoria ancestral transmitida de geração em geração. Ao valorizar esses conhecimentos populares, Ortêncio não apenas resgatou a identidade cultural goiana, mas também contribuiu para a valorização do homem do campo e de suas práticas sustentáveis. Foi a partir do contato com esse cenário que esta pesquisa selecionou do livro *Sertão sem Fim* (Ortêncio, 2011), escrito em 1965, o conto *O Benzedor de Cobras*.

Bittencourt (2009) destaca que a obra do escritor é um verdadeiro retrato da vida nas comunidades rurais, onde as "Folias" eram o palco para a expressão da alma popular. Por intermédio da música e das histórias compartilhadas nesses encontros, o autor capturou a essência da experiência de ser trabalhador rural, transformando esses relatos em belas obras literárias. Assim, de modo incansável, como guardião, Ortêncio construiu a memória identitária do povo goiano para as futuras gerações. Ele expôs o falar do goiano, as práticas medicinais baseadas no uso de ervas da região e as riquezas da culinária goiana para que não caíssem no esquecimento.

Por meio de obras como *A Cozinha Goiana*, com suas mais de 1000 receitas e histórias, e *O Dicionário do Brasil Central* (Ortêncio, 2009), que retrata a alma do povo goiano, ele imortalizou costumes, saberes e tradições que estavam prestes a se perder no tempo. Sua *Cartilha do Folclore Brasileiro* (Ortêncio, 2013) tornou-se referência nacional, demonstrando a importância de preservar e valorizar a cultura popular.

A partir do contato com essa cultura, o autor teceu uma rica tapeçaria narrativa, repleta de personagens inesquecíveis e cenários encantadores. Seus livros abrangem desde contos, crônicas, romances regionais, novelas policiais, piadas, contos eróticos, fantasmagóricos e de ficção até causos e lendas. Eles revelam a magia do regionalismo e nos convidam a uma imersão no universo do sertão goiano. Do encontro com a cultura popular goiana, surgiram infindáveis possibilidades para a construção de personagens e ambientes que compõem esse retrato recuperador da história e da cultura do sertão de Goiás.

Cultura, medicina popular e pajelança

O conceito de cultura é amplo e multifacetado, abrangendo diferentes perspectivas e discursos que se entrelaçam em seu significado polissêmico. Nesse contexto, Cuche (2002) destaca que, embora existam culturas dominantes e dominadas, todas compartilham valores fundamentais que conferem sentido coletivo e existencial a um grupo social. Mesmo aquelas culturas que se encontram em posições subordinadas não perdem sua essência, pois continuam sendo expressões inteiras e legítimas de valores próprios, formadas a partir das relações, muitas vezes conflituosas, entre diferentes grupos sociais.

Ainda segundo Cuche (2002), essas culturas dominadas mantêm uma identidade própria, moldada historicamente pelas interações – frequentemente tensas ou violentas – com outras culturas. Toda manifestação humana, nesse sentido, pode ser interpretada como expressão cultural, e essa ideia é particularmente relevante quando se considera a cultura popular em diferentes momentos históricos. Para Bakhtin (2010), na Idade Média, as práticas de cultura popular estavam organizadas em três categorias principais: os ritos e espetáculos (como festas carnavalescas e encenações cômicas), as obras cômicas orais e escritas (inclusive paródias) e os gêneros do vocabulário familiar, como insultos e juramentos.

A cultura popular europeia, desde o início, surgiu da fusão entre elementos eruditos, associados às elites, e as manifestações das camadas mais pobres. Ortiz (1985) argumenta que, nesse período, não havia uma separação clara entre as culturas de elite e as populares, já que a nobreza compartilhava crenças religiosas, superstições e até mesmo práticas lúdicas com os grupos subalternos. No entanto, Bakhtin (2010) observa que, com o surgimento de uma visão mais estreita sobre cultura popular, principalmente na era pré-romântica, houve um distanciamento significativo entre esses dois universos, excluindo aspectos como o humor das praças públicas e as tradições folclóricas do entendimento mais formal de cultura.

Nesse panorama histórico, as festividades e tradições populares passaram a coexistir de forma dual com os cultos organizados. A definição de cultura, por sua vez, foi se transformando ao longo do tempo. Cuche (2002) explica que o termo "cultura" deriva do latim *colere*, que inicialmente se referia ao ato de cuidar, cultivar ou honrar algo, seja uma colheita ou um animal. Até o século XVI, seu uso estava relacionado a práticas agrícolas e ao cuidado com a terra. Foi apenas nos séculos XVIII e XIX que o termo adquiriu um significado figurado, vinculado às artes, às ciências e à educação formal.

Cuche (2002) também aponta que, na Europa medieval, cultura era entendida como o conjunto de saberes acumulados e transmitidos pela humanidade ao longo de sua história. A visão alemã sobre o conceito, influenciada pela tradição francesa, descrevia a cultura como um patrimônio artístico, intelectual e moral de uma nação, considerado essencial para sua unidade. Já Franz Boas, outro importante pesquisador, contribuiu para esse debate ao demonstrar que as diferenças entre os grupos humanos estão relacionadas principalmente a fatores culturais, e não a características raciais ou ambientais (Laraia, 2006).

A partir dessa perspectiva, é possível identificar três formas principais de compreender a cultura: como uma expressão coletiva, como a prática dessa coletividade e como um meio de desenvolvimento individual. Essa distinção é relevante para compreender a transição do conceito de cultura – entre as categorias popular e erudita – para a ideia de religião popular. Nesse aspecto, Canclini (1989) sugere que a história da cultura popular está intrinsecamente ligada à história dos pobres, aqueles que, por não possuírem um patrimônio reconhecido ou preservado, foram excluídos das tradições culturais consideradas oficiais.

Dentro desse universo marginalizado, a cultura popular agrega uma ampla variedade de elementos, como a religiosidade, as práticas medicinais, a alimentação, a arte e o entretenimento. Ortiz (1992) afirma que a ideia de cultura popular foi sendo construída e aprimorada ao longo do tempo por diferentes grupos intelectuais. Assim, a

cultura popular não apenas reflete a condição das classes subalternas, mas também revela sua capacidade de resistência e criação no confronto com as normas culturais impostas pelas elites.

Nesse viés, a cultura popular, conforme destacado anteriormente, emerge em contraste com a cultura de elite, frequentemente associada às classes dominantes. Nesse sentido, Satriani (1986) argumenta que é impossível compreender a cultura de uma sociedade sem considerar as distinções de classe. Para ele, o folclore reflete as expressões culturais das classes subalternas, distantes do erudito e da elite. A cultura popular se manifesta sobretudo em festividades e práticas religiosas, que promovem tanto momentos de lazer quanto laços de solidariedade entre os grupos marginalizados.

Droogers e Siebers (1991) analisam a religião popular como uma contraposição à oficial, apontando que essa relação frequentemente envolve dinâmicas de poder. A religião popular, influenciada por práticas culturais, estabelece um diálogo com o ambiente social e político. Nesse contexto, a teoria do *habitus*, desenvolvida por Bourdieu (1998), ajuda a entender como as práticas religiosas se moldam a partir das experiências sociais acumuladas. Para ele, a religião desempenha múltiplas funções, desde a organização de sistemas simbólicos até a função de integração social e emocional. Bourdieu (1998) considera como o surgimento das cidades, enviesado ao progresso econômico e à divisão do social do trabalho, influenciou a construção da autonomia dos campos semânticos religiosos e a sistematização de crenças cristalizadas em *habitus*. Ele descreve a religião como um sistema de práticas e crenças que, dependendo de sua posição nas relações simbólicas, pode ser imaginada como magia ou feitiçaria. Dessa forma, a religião, não apenas harmoniza o mundo natural ao social, mas também consegue fornecer uma justificativa simbólica plausível à existência humana, ajudando as pessoas a lidar com questões como a morte, o sofrimento e o aspecto do sentido da vida. No campo das religiões populares, Droogers e Siebers (1991) destacam que o termo "popular" pode se referir tanto à ausência de especialização religiosa, como no caso do catolicismo popular, quanto à associação com grupos marginalizados. Nas religiões afro-brasileiras e igrejas pentecostais, essa conotação popular é vista como uma expressão de resistência e luta social. Satriani (1989) define a religião popular como a prática religiosa das classes subalternas, enquanto Montoya (1989) sugere a substituição do conceito de religiosidade popular pelo termo "religiosidade tradicional". Para Droogers e Siebers (1991), a religiosidade popular pode ser interpretada como a integração da religião às culturas locais, com forte influência histórica e cultural, especialmente na América Latina. Gramsci (1981) observa que mesmo no catolicismo, pode-se observar uma diversidade de práticas e crenças que em geral variam de acordo com o grupo social, como os camponeses, os pequenos burgueses e os intelectuais. Assim, a religião popular reflete uma dinâmica complexa que não depende apenas de questões teológicas, mas de fatores econômicos e sociais. As Práticas de benzeções, por exemplo, são resultado desse enraizamento cultural, combinando elementos religiosos e terapêuticos. A benzeção, como prática religiosa popular, apresenta variações significativas dependendo da tradição ou crença da benzedeira. Lemos (2010) categoriza benzedoiras em diferentes modalidades, como católicas, kardecistas, umbandistas e outras, destacando que seus métodos vão desde a utilização de plantas e banhos até orações específicas. As razões para buscar esses serviços são igualmente diversas, incluindo problemas familiares, questões de saúde, dificuldades financeiras e até mesmo as preocupações espirituais. Oliveira (1995) analisa que em seu papel social, as benzedoiras recorrem a técnicas como emplastos, chás e simpatias, práticas que as insere no conhecimento tradicional e cotidiano de suas comunidades. Lemos (2010) destaca que, ao atuar entre os campos da medicina popular e da religião, as benzedoiras oferecem suporte prático e emocional às comunidades. Sua presença é essencial por representar a conexão entre saberes ancestrais e necessidades contemporâneas, legitimando o uso de conhecimentos tradicionais como solução para problemas cotidianos. No viés da benzeção, a pajelança é uma prática religiosa e também terapêutica dos povos indígenas originários, em geral realizada por líderes espirituais, sobretudo homens, reconhecidos como pajés ou xamãs por suas tribos, que recorrem a orações e rituais que envolvem cânticos, danças e o uso de substâncias vegetais sagradas para curar ou proteger sua comunidade. Os estudos desenvolvidos por Basso (1987) e Viveiros de Castro

(2002) destacam que tais cerimônias estão intimamente relacionadas a uma visão de mundo eminentemente indígena, na qual o pajé atua como um elo entre o plano material e o espiritual. Dessa forma, a pajelança é essencial não apenas para o cuidado físico, mas também para a manutenção do equilíbrio entre o homem e o cosmos. Nesse sentido, a prática da benzeção, inserida na cultura popular, combina dimensões sagradas e culturais. Essa tradição reflete a riqueza simbólica da cultura popular, que atravessa séculos como fonte de resistência, identidade e integração social. Seu estudo exige rigor metodológico para compreender sua importância histórica e sociocultural, como será explorado a seguir.

Análise do conto “O benzedor de cobras”

O conto narra uma situação bastante comum nos interiores do Brasil. Chico, o benzedor, é objeto de perseguição pelo coronel João Galdino devido a um suposto deslocamento de cobras da fazenda vizinha para a do fazendeiro. No entorno da narrativa, encontram-se a tensão entre superstição, poder e a justiça informal do sertão.

Todo o texto tem marcas de oralidade, como “Ora, faça ideia... que pena...” e “Tá muito bem. Agora vamos tratar do nosso assunto”, utilizadas para mostrar como se resolviam as questões naquele contexto. O texto ainda expõe a precariedade da vida na roça, com relações marcadas pelo abuso de poder, convidando o leitor a refletir sobre as noções de justiça, sabedoria, religiosidade e cultura popular. Assim, o conto *O Benzedor de Cobras* combina regionalismo e crítica social, com uma narrativa que valoriza a cultura e os conflitos humanos do sertão.

A prática de benzimento é um fenômeno cultural que, segundo Lemos (2006), pode ser visto como uma resposta às necessidades espirituais e sociais das comunidades rurais e à ausência do Estado. No conto, a figura do benzedor não se limita à cura física, mas transcende para uma função social de restaurar a ordem, mediando conflitos entre seres humanos e forças espirituais, como escorpiões, percevejos, barbeiros e, no caso, as cobras. No conto, esse poder simbólico, místico e morfogênico do benzedor é reconhecido por outros personagens, como o fazendeiro João Galdino, que, mesmo com seu poder econômico e militar, recorre à intervenção de Chico para resolver o problema das cobras em sua fazenda. Nesse viés, a utilização do ritual de benzimento é um reflexo da relação de poder simbólico que os indivíduos que vivem sob a batuta dos coronéis, como o benzedor, exercem sobre as estruturas formais de poder, em uma lógica similar à análise feita por Gramsci (1981), que discute como as culturas subalternas desafiam e negociam com o poder dominante.

A religiosidade popular, como descrita por Droogers e Siebers (1991), apresenta a pajelança e o benzimento como práticas que fogem dos ditames da religião oficial e institucionalizada, para Weber, burocrática, pois ambas as formas culturais residem no viés classificatório das práticas mágicas e encantatórias, que exercem um controle profundo sobre a organização social de suas comunidades. No conto, a figura do benzedor é envolta em mistério, realizando rituais de proteção e cura por meio de gestos simbólicos e palavras sagradas, com uma profunda conexão com forças invisíveis e xamânicas (Eliade, 2001, 2002). A benzeção de Chico, que utiliza a “mão aberta” e gestos em cruz, ressoa práticas religiosas populares que buscam proteção divina contra males físicos e espirituais, mas, ao mesmo tempo, se distanciam das formalidades de uma religião institucionalizada, conforme abordado por Parker (1996) e Canclini (1989), que exploram o hibridismo religioso e cultural em contextos latino-americanos.

Por sua vez, o viés da pajelança, no contexto do conto, está presente na manipulação de forças naturais e espirituais para controlar os destinos e resolver questões sociais. A pajelança, uma prática ritualística que mistura elementos xamânicos e religiosos, tem como base o contato direto com os espíritos da natureza, como as cobras, que são vistas não apenas como animais, mas como símbolos de poder e transformação. O benzedor, ao utilizar suas orações e gestos para afastar as cobras, invoca uma dimensão espiritual que remete à concepção de Basso (1987), que afirma a importância das cerimônias indígenas, especialmente as que envolvem o controle das forças da natureza. Chico, no caso, como uma derivação conceitual de um pajé, porém moderno, controla o mal, mas também demonstra

que sua autoridade espiritual transcende os limites das convenções sociais dominantes, algo que também é reforçado pela autonomia religiosa e simbólica descrita por Ortiz (1992).

O conto, elaborado por Bariani a partir de suas percepções da cultura popular, reflete uma disputa simbólica entre o poder da religiosidade popular, representado pelo benzedor Chico, e o poder material e físico das figuras de autoridade, como o fazendeiro Galdino e seus jagunços. Chico, o benzedor de cobras, ao limpar a fazenda de João Galdino, não exerce ali apenas um controle sobre o mundo natural, mas também desafia e subverte a lógica sistêmica da opressão social e econômica do coronel, constituindo-se em um ato de resistência cultural, religiosa e espiritual. Esse cenário revela as dinâmicas de poder simbólico e a transgressão das fronteiras entre o sagrado e o profano, o religioso e o social, criando, assim, uma rede complexa de múltiplos significantes e significados que sintetiza a relação entre o corpo, a terra e a alma.

A análise cultural, religiosa e pelo viés da pajelança do conto *O Benzedor de Cobras*, de Bariani Ortêncio, permite uma reflexão profunda sobre os elementos de saber popular, relações de poder e simbolismos presentes nas práticas de cura e proteção associadas às figuras de benzedores do cerrado goiano. A obra apresenta não apenas uma história de intrigas, mas também um quadro cultural que dialoga com as tensões entre o saber tradicional e o poder instituído, entre o poder emergente e o poder constituído e violento.

Do ponto de vista cultural, o conto reflete a vivência de uma comunidade rural onde a religiosidade e o saber popular se entrelaçam de maneira quase indissociável. A figura do benzedor, representada por Chico, é a personificação de um conhecimento ancestral que transcende as fronteiras da medicina oficial (Geertz, 1989). A habilidade de Chico de curar e espantar as cobras de uma propriedade rural é uma herança cultural que, ao mesmo tempo, se articula com a tradição e com as necessidades do povo. Esse tipo de saber tradicional, tão presente em diversas comunidades, é frequentemente visto no mundo atual como "primitivo" ou "irracional", mas, no contexto da obra, é exaltado como essencial para manter o equilíbrio social da comunidade, conforme argumenta Basso (1987), ao descrever a centralidade do xamanismo e da religiosidade indígena para os povos Xavante.

Do ponto de vista religioso, o conto pode ser lido como um exemplo das tensões entre a religião oficial e a religião popular, que Bourdieu (2004) define como uma prática de trocas simbólicas. Chico, ao benzer as cobras, não se vê como um simples curador, mas como um intermediário entre o mundo visível e o invisível, entre o sagrado e o tido como profano, no caso, as cobras peçonhentas, e, portanto, entre a vida e a morte. A religiosidade popular, representada pelas práticas de pajelança e benzedura, é um modo de resistência cultural frente a um sistema de crenças dominante e autoritário do coronel Galdino. A relação entre a fé popular e a fé instituída é marcada por uma prática simbólica que também envolve relações de poder (Foucault, 1987). A troca de favores entre o fazendeiro e o benzedor, como em outras histórias da cultura popular brasileira, revela a utilização da religiosidade como uma forma de negociação de poder, em que a cura ou a proteção contra as cobras se torna moeda de troca visível.

A relação turbulenta entre o poder de Chico e o poder dos fazendeiros, como João Galdino, denuncia também a dinâmica de controle social de como as culturas populares se entrelaçam com estruturas mais amplas e capilarizadas de dominação (Foucault, 1987). No mesmo viés, segundo Gramsci (1981), as ideologias dominantes moldam a sociedade, mas também as culturas subalternas, representadas aqui pela prática de benzeção, se opõem a esse domínio em pé de igualdade simbólica. A resistência de Chico, que se recusa a se submeter aos desmandos do coronel, é um exemplo de como as culturas subalternas, como a do benzedor, utilizam o saber e as práticas cotidianas como forma de manter sua autonomia frente às imposições do poder local no contexto rural.

No campo semântico da pajelança, o benzedor de cobras é a imagem de um indivíduo que se insere em uma antiga tradição de curandeirismo e práticas espirituais comuns aos povos indígenas e às populações camponesas, ligadas à interação com os espíritos da natureza e ao controle das forças naturais. A atuação de Chico remete às práticas xamânicas descritas por Basso (1987) em sua etnografia sobre os Xavantes, nas quais o xamã, médico curandeiro da tribo, desempenha um papel elementar como intermediário entre os seres humanos e o mundo

espiritual. A capacidade de Chico de afugentar as cobras com seus gestos e orações pode ser vista como uma forma de "invocar" ou "exorcizar" a força das entidades espirituais, algo semelhante à ideia de possessão ou controle sobre os elementos naturais, uma característica central das práticas de pajelança.

Por outro lado, a crítica à maneira como a classe dominante vê e usa os benzedeiros também remonta à análise de Canclini (1989), ao abordar a questão da modernidade e a hibridização das culturas. A transformação dos saberes tradicionais em algo que pode ser usado pelas elites, como se fosse uma ferramenta para o controle das populações, reflete a ideia de que, embora essas práticas permaneçam à margem, elas são, em última análise, apropriadas pelo sistema que deveria rejeitá-las (Freire, 2006). Nesse sentido, a religiosidade popular e a pajelança se tornam imiscuídas às práticas ancestrais com as necessidades de controle social.

Assevera-se ainda que o conto também pode ser lido à luz do conceito de "poder popular" descrito por Droogers e Siebers (1991), em que a força do indivíduo ou da prática cultural ressurgue como um poder alternativo ao poder institucionalizado. A benzeção de Chico não se resume a um simples ato de livramento, mas se transforma em um campo de disputa, onde o saber popular se opõe ao poder de fazendeiros como João Galdino. Essa relação de força e resistência se manifesta na maneira como Chico mantém sua autonomia, recusando-se a revelar sua localização ou a ceder à pressão dos homens de Galdino, mesmo diante de uma ameaça direta. Não querer pagar o benzedor, apenas pelo fato de que três bezerras de sua fazenda foram mortas por cobras, depois que o benzedor espantou as cobras da fazenda vizinha, além da condução coercitiva do benzedor à sua propriedade, do trabalho de benzer também a fazenda do coronel Galdino e sua ordem de deixar o benzedor ir embora sem a necessidade de pagar o serviço, enquanto os capangas tiveram que buscá-lo, apenas externaliza essa relação de forças descritas aqui ao longo do texto (Laraia, 2006).

Conclusões

A partir das considerações feitas sobre o autor goiano Bariani Ortêncio, além dos aspectos ligados à noção de cultura, religiosidade e pajelança, e do olhar lançado sobre o conto *O Benzedor de Cobras*, nota-se que o conto revela a tensão entre o visível e o invisível, o domínio físico e o espiritual, mas também entre o opressor e o oprimido e despossuído, e como essas dimensões se entrelaçam para dar forma às experiências cotidianas e de cura. A prática de benzeção, como um ato de "limpeza" espiritual e física, é fundamentalmente ritualística, em que a religião popular desenvolve um papel elementar de mediação entre os mundos humano e divino. O modo como o benzedor Chico profere suas rezas sobre a presença das cobras, realizando gestos simbólicos e pronunciando palavras de poder, é uma metáfora valiosíssima para o poder oculto presentificado nas práticas espirituais. Nesse viés, entende-se que o conto em análise não é somente uma narrativa de um conflito comum no cotidiano goiano, mas uma abordagem riquíssima sobre a persistência de saberes ancestrais, muitas vezes ignorados ou marginalizados, mas que se afirmam corajosamente como uma força vital em tempos de necessidade.

Referências

- BAKHTIN, M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo - Brasília: HUCITEC-EDUNB, 2010.
- BITTENCOURT, José Luiz. Bariani: Jubileu de Diamante. In: BRITO, Elizabeth Caldeira e SANTOS, Nelson. A cultura plural de Bariani Ortêncio. Goiânia: Kelps, p193 – 194.

BASSO, Keith H. Ceremony of the Spirit: A Study of the Ritual of the Xavante Indians of Brazil. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 5. ed. São Paulo. Editora Perspectiva, 2004.

CANCLINI, N. G. Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1989.

CUCHE, Denys. O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DROOGERS, A. e SIEBERS, H. Popular religion and power in Latin America: an introduction. DROOGERS, A., HUIZIER, G and SIEBERS, H. (eds). Popular Power in Latin American Religions. Florida: Verlag Breitenbach Publisers, 1991, pp 1-25.

ELIADE, M. Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 2002, 178 p.

_____. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 191 p.

_____. El grito manso. 1ª ed. 2ª reimp. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2006.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GRAMSCI, Antonio. Concepção dialética da história. 7ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LEMONS, Carolina Teles (Org.). Coleção Religião e Cotidiano. Goiânia: Descubra, 2006. V. I, II, III.

_____. O perfil de uma benzedeira: aliança entre chás, “provas” e partos no cotidiano da vida camponesa. In: AUGUSTO, Adailton Maciel (coord.). Ainda o Sagrado Selvagem. São Paulo: Fonte Editorial; Paulinas, 2010. pp. 302-320. Disponível em: <http://www.pucgoias.edu.br/ucg/eventos/semana_ciencia_tecnologia/Programacao/XI%20F%C3%93RUM%20DE%20PESQUISA%20E%20P%C3%93S-GRADUA%C3%87%C3%83O%20-%20DIA%2021.pdf>. Acesso em: 11 Mar. 2014.

MUNDURUKU, Daniel. O Banquete dos Deuses. São Paulo: Global Editora, 2018.

ORTENCIO, Bariani. A cozinha goiana. Goiânia: Kelps, 2005.

ORTENCIO, Bariani. Cartilha do folclore Brasileiro. Brasília: Thesaurus Editora, 2013.

ORTENCIO, Bariani. Dicionário do Brasil Central. Goiânia: Kelps, 2009.

ORTENCIO, Waldomiro Bariani. Medicina popular do Centro-Oeste. Brasília: Thesaurus Editora, 1997

ORTENCIO, Waldomiro Bariani. O sertão sem fim. Goiânia: Editora UFG, 2011.

ORTIZ, R. Românticos e folcloristas. Cultura Popular. São Paulo: Olho D'Água, 1992.

PARKER, Cristián. Religião Popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina. Trad. Atílio Bruneta. Petrópolis: Vozes, 1996.

SATRIANI, Luigi Lombardi. Antropologia Cultural e análise da cultura subalterna. São Paulo: Hucitec, 1986.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Inconstância da Alma Selvagem: Ensaios de Antropologia. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2002.
